|  |
| --- |
| Universidade Federal do Rio de JaneiroEscola de Comunicação – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e CulturaLinha: Tecnologias da Comunicação e EstéticasDisciplina: **Aceleração algorítmica e *General intellect*: Crise e Disputa na Era da Inteligência Artificial**Curso: Prof.: **Giuseppe Cocco** (PPGCOM) e **Felipe Fortes** (Pós-Dout. Faperj-PPGCOM)Horário:  **Quintas-feiras: 14:00** Carga horária: 60hSala: CBAE – Avenida Rui Barbosa, 762, Flamengo Rio de Janeiro.Créditos: 4.0Curso: Grupo:  |

**Título: Aceleração algorítmica e General intellect: Crise e Disputa na Era da Inteligência Artificial**

**Ementa:** A disciplina investigará os impactos políticos e sociais da aceleração algorítmica e da ascensão da Inteligência Artificial no contexto de uma crise tríptica: da democracia, da globalização e dos ciclos de luta democráticos do início do século XXI (1999 em Seattle– 2013 primaveras árabes, 15M, OWS, junho no Brasil). Essa crise é acompanhada pela intensificação e radicalização das plataformas digitais na reorganização do *socius* mundial. **Partimos de duas hipóteses centrais**. A **primeira**: o que está em jogo não é apenas o esgotamento institucional das democracias liberais, mas uma crise constitutiva do próprio horizonte democrático — uma crise das formas de subjetivação política que sustentaram os levantes da virada do milênio. A **segunda**: a Inteligência Artificial — particularmente em sua vertente conexionista, orientada por *machine learning* e sistemas preditivos — transforma qualitativamente as condições do *General Intellect*, entendido como o saber socialmente distribuído que organiza a cooperação produtiva. Nesse sentido, o que se disputa não é apenas a captura do saber vivo por dispositivos algorítmicos, mas o próprio campo de luta da aceleração algorítmica: um processo ambivalente, que tanto permite a instrumentalização automatizada da cognição quanto abre margens para a recomposição de algoritmos do comum — uma hibridização entre saber coletivo e dispositivos técnicos. O digital, aqui, é terreno de batalhas políticas concretas, na medida em que a própria cognição se configura como uma forma nova e híbrida de intelecção orgânica e artificial.

Dessa forma, o curso explora como essas transformações se entrelaçam com os conflitos geopolíticos contemporâneos, em especial com a emergência de formas pós-soberanas e tecnopolíticas de poder. A ascensão de figuras como Elon Musk e o alinhamento entre Big Techs e forças da extrema-direita indicam uma mutação na soberania global, na qual plataformas digitais tornam-se atores normativos e geopolíticos: capazes de suspender direitos, modular percepções e determinar regimes de verdade. Mas essas mesmas infraestruturas revelam também linhas de fuga e práticas insurgentes, à medida que são reapropriadas por experiências democráticas emergentes. A aceleração algorítmica, nesse quadro, transforma radicalmente os regimes de percepção e cognição, operando como forma de governança da atenção e reconfiguração contínua dos circuitos sensoriais e afetivos. As interfaces digitais tornam-se zonas intensivas de conflito, nas quais tecnologias de modulação comportamental convivem com práticas inventivas de subjetivação e com a possibilidade de recomposição do comum. A disciplina mobiliza o conceito de plasticidade cerebral para pensar essa instabilidade como condição política: o sensível não é apenas colonizado, mas constantemente disputado, reconfigurado e reapropriado — sendo a maleabilidade do cérebro social um terreno decisivo onde se joga, hoje, a luta política pela autonomia e pelos direitos.

Contra os diagnósticos tecnofóbicos ou tecnofílicos, propomos compreender a aceleração algorítmica não como fatalidade, mas como vetor histórico a ser disputado. A disciplina afirma, assim, a urgência de recompor as forças democráticas no interior mesmo da mutação sociotécnica global — insistindo no gesto espinosista: *non ridere, non lugere, neque detestari, sed intelligere*. Serão abordadas questões como: o papel das Big Techs na reorganização da ordem mundial; o risco de uma inflexão tecnofascista nas plataformas digitais; a emergência de novas formas de controle algorítmico e biocognitivo; e os limites e potencialidades de uma democracia aumentada. A disciplina articulará discussões sobre redes, IA, plasticidade cerebral, teoria da informação, guerras contemporâneas, percepção e cooperação, investigando os modos como os regimes técnicos são sempre ambíguos, produzem — e são atravessados por — formas de subjetivação, comando e resistência.

**Bibliografia:** (disponível também em PDF)

Giuseppe Cocco e Felipe Fortes, *Aceleração Algorítmica, Crise da Soberania e Noopolítica: a Batalha pelo Controle das Redes. Disponível em:* [*https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/68200/43224*](https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/68200/43224)

Allan Deneuville et Giuseppe Cocco, “Les deux corps d’Elon Musk”, *Multitudes*, n. 97, hiver 2024. Disponível in <https://www.multitudes.net/les-deux-corps-delon-musk-sur-la-suspension-de-x-twitter-au-bresil/>

Giuseppe Cocco e Murilo Correa Duarte, Capitalismo de vigilância e lutas algorítmicas, <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/204991>

Matteo Pasquinelli, *The Eye of the Master*, Verso, 2023.

Yann Le Cun, *Quand les machines pensent*, Odile Jacob, 2018.

Benjamin Bratton, *The Stack: of software and sovereignty*, 2016

Giuseppe Cocco e Barbara Szaniecki, *O Making da Metrópole*, Rio Livros, 2021.

Ed Finn, *What Algorithms Want* (2017),

Adam Greenfield, *Radical Technologies (2017)*.

Andrew McAfee e Erik Brynolfsson, *Machine, Platform, Crowd* (2017)

Matteo Pasquinelli*, The Automaton of the Anthropocene*

Emiliano Bonini e Emiliano Treré, *Algorithms of Resistance*, MIT, 2024.